

# Teoria Sociológica I

**MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, A Ideologia Alemã (Ad Feuerbach)”, São Paulo, Editora Hucitec, 1987**

**(1847)**

## **História**

[...] o primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, é que os homens devem estar em condições de viver para poder "fazer história".<sup>1</sup> Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e de fato este é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história., que ainda hoje, como há milhares de anos, deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, simplesmente para manter os homens vivos. E ainda quando o mundo sensível se veja reduzido a um mínimo, a um bastão, como em São Bruno<sup>2</sup>, ele pressupõe a atividade de produção deste bastão. A primeira coisa, portanto, em qualquer concepção histórica, é observar este fato fundamental em toda sua significação e em toda sua extensão e render-lhe toda justiça. Sabe-se bem que isto nunca foi feito pelos alemães, que, por isso, nunca tiveram uma base terrena para a história e, conseqüentemente, nunca tiveram um historiador. Embora não tenham percebido a conexão deste fato com a assim chamada história senão de maneira extremamente unilateral, sobretudo quando se

---

<sup>1</sup> [Observação marginal de Marx:] Hegel. Condições geológicas, hidrográficas etc. Os corpos humanos. Necessidade, trabalho.

<sup>2</sup> Alusão ao artigo de Bruno Bauer (que Marx chama de "São Bruno"), "Charakteristik Ludwig Feuerbachs" ("Caracterização de Ludwig Feuerbach") publicado em Wigand's Vierteljahrsschrift, vol. III, 1845. Bauer (1809-1882) era um dos mais importantes filósofos neo-hegelianos alemães, e Marx e Engels contra ele escreveram, em 1844, *A Sagrada Família ou Crítica da Crítica Crítica. Contra Bruno Bauer e consortes*. (Die Heilige Familie, oder Kritik der Kritischen Kritik. Gegen Bruno Bauer und Consorten), livro publicado em Frankfurt a.M. em 1845. Segundo o argumento de Bauer, mesmo que o mundo sensível seja reduzido a um bastão (Stock), o conhecimento desse objeto só é possível pelos sentidos. (N. dos T.).

# Teoria Sociológica I

mantinham presos à ideologia política, os franceses e os ingleses, mesmo assim, realizaram as primeiras tentativas para dar à historiografia uma base materialista, ao escreverem as primeiras histórias da sociedade civil, do comércio e da indústria.

O *segundo* ponto é que, satisfeita esta primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades — e esta produção de novas necessidades é o primeiro ato histórico. Aqui se mostra, ao mesmo tempo, a descendência espiritual da grande sabedoria histórica dos alemães, os quais, quando lhes falta o material positivo e quando não adianta debater tolices teológicas, políticas ou literárias, nada nos oferecem em matéria de história, mas sim de "tempos pré-históricos"; de resto, porém, não nos explicam como se passa deste, absurdo da "pré-história" à história propriamente dita — embora, por outro lado, sua especulação histórica se lance em especial sobre esta "pré-história", porque acreditam estar a salvo da interferência dos "fatos crus" e também porque, ao mesmo tempo, podem dar rédea solta aos seus impulsos especulativos e propor e lançar por terra milhares de hipóteses.

A *terceira* condição que já de início intervém no desenvolvimento histórico é que os homens, que diariamente renovam sua própria vida, começam a criar outros homens, a procriar: é a relação entre homem e mulher, entre pais e filhos, a família. Esta família, que no início é a única relação social, torna-se depois, quando as necessidades ampliadas engendram novas relações sociais e o acréscimo de população engendra novas necessidades, uma relação secundária (exceto na Alemanha) e deve, portanto, ser tratada e desenvolvida segundo os dados empíricos existentes e não segundo o "conceito de família", como é hábito na Alemanha<sup>3</sup>. Além do mais, não se deve considerar estes três aspectos da atividade social como três fases diferentes, mas simplesmente como três aspectos ou, para escrever de maneira clara aos alemães, como três "momentos", que

---

<sup>3</sup> [Nota de Marx e Engels:] Construção de habitações. Claro está que entre os selvagens cada família tem sua própria gruta ou choupana, como entre os nômades a tenda separada de cada família. Esta economia doméstica separada torna-se ainda mais necessária com o ulterior desenvolvimento da propriedade privada. Entre os povos agricultores, a economia doméstica comum é tão impossível quanto o cultivo comum do solo. A construção de cidades constitui grande progresso. Entretanto, em todos os períodos anteriores a superação da economia separada — inseparável da superação da propriedade privada — era impossível, pois faltavam as condições materiais para isso. O estabelecimento de uma economia doméstica comum pressupõe o desenvolvimento da maquinaria, da utilização das forças naturais e de muitas outras forças produtivas — por exemplo, abastecimento de água, iluminação a gás, aquecimento a vapor etc, assim como a superação [da oposição] entre a cidade e o campo. Sem estas condições, a economia comum deixaria de constituir, por si só, uma força produtiva nova, careceria de qualquer base material e repousaria apenas sobre um fundamento puramente teórico; ou, em outras palavras, seria mera extravagância e levaria apenas a uma economia monacal. O que era possível mostra-se na aglutinação em cidades e na construção de edifícios comuns para determinados fins particulares (prisões, casernas etc.)- Que a superação da economia separada é inseparável da superação da família é algo evidente por si mesmo.

# Teoria Sociológica I

coexistem desde os primórdios da história e desde os primeiros homens, e que ainda hoje se fazem valer na história.

A produção da vida, tanto da própria, no trabalho, como da alheia, na procriação, aparece agora como dupla relação: de um lado, como relação natural, de outro como relação social — social no sentido de que se entende por isso a cooperação de vários indivíduos, quaisquer que sejam as condições, o modo e a finalidade. Donde se segue que um determinado modo de produção ou uma determinada fase industrial estão constantemente ligados a um determinado modo de cooperação e a uma fase social determinada, e que tal modo de cooperação é, ele próprio, uma "força produtiva"; segue-se igualmente que a soma de forças produtivas acessíveis aos homens condiciona o estado social e que, por conseguinte, a "história da humanidade" deve sempre ser estudada e elaborada em conexão com a história da indústria e das trocas. [...] Desde o início mostra-se, portanto, uma conexão materialista dos homens, entre si, condicionada pelas necessidades e pelo modo de produção, conexão esta que é tão antiga quanto os próprios homens — e que toma, incessantemente, novas formas e apresenta, portanto, uma "história", sem que exista qualquer absurdo político ou religioso que também mantenha os homens unidos.

Somente agora, depois de ter examinado quatro momentos, quatro aspectos das relações históricas originárias, verificamos que o homem tem também "consciência"<sup>4</sup>. Mas, ainda assim, não se trata de consciência "pura". Desde o início pesa sobre "o espírito" a maldição de estar "contaminado" pela matéria, que se apresenta sob a forma de camadas de ar em movimento, de sons, em suma, de linguagem. A linguagem é tão antiga quanto a consciência — a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e, portanto, existe também para mim mesmo; e a linguagem nasce, como a consciência, da carência, da necessidade de intercâmbio com outros homens<sup>5</sup>. Onde existe uma relação, ela existe para mim: o animal não se "relaciona" com nada, simplesmente não se relaciona. Para o animal, sua relação com outros não existe como relação. A consciência, portanto, é desde o início um produto social, e continuará sendo enquanto existirem homens. A consciência é, naturalmente, antes de mais nada mera

---

<sup>4</sup> [Variante original no manuscrito:] verificamos que o homem tem também, entre outras coisas, "espírito" e que esse "espírito" exterioriza-se como "consciência".

[Observação marginal de Marx:] Os homens têm história porque devem produzir sua vida, e devem fazê-lo de determinado modo: isto está dado por sua organização física, da mesma forma que a sua consciência.

<sup>5</sup> [Suprimido no manuscrito:] Minha relação com meu ambiente é a minha consciência.

## Teoria Sociológica I

consciência do meio sensível mais próximo e consciência da conexão limitada com outras pessoas e coisas situadas fora do indivíduo que se torna consciente; é ao mesmo tempo consciência da natureza que, a princípio, aparece aos homens como um poder completamente estranho, onipotente, inexpugnável» com o qual os homens se relacionam de maneira puramente animal e perante o qual se deixam impressionar como o gado; é, portanto, uma consciência puramente animal da natureza (religião natural).

Vê-se logo que essa religião natural, ou esta relação determinada com a natureza, é condicionada pela forma da sociedade e vice-versa. Aqui, como em toda parte, a identidade entre o homem e a natureza aparece de modo a indicar que a relação limitada dos homens com a natureza condiciona a relação limitada dos homens entre si, e a relação limitada dos homens entre si condiciona a relação limitada dos homens com a natureza, exatamente porque a natureza ainda está pouco modificada pela história. E, por outro lado, a consciência da necessidade de estabelecer relações com os indivíduos que o circundam é o começo da consciência de que o homem vive em sociedade. Este começo é tão animal quanto a própria vida social nesta fase: trata-se de simples consciência gregária e o homem se distingue do carneiro unicamente pelo fato de que nele sua consciência toma o lugar do instinto ou de que seu instinto é consciente. Esta consciência de carneiro ou tribal desenvolve-se e aperfeiçoa-se ulteriormente em razão do crescimento da produtividade, do aumento das necessidades e do aumento da população, sendo este último a base dos dois primeiros. Com isto, desenvolve-se a divisão do trabalho, que originariamente nada mais era do que a divisão do trabalho no ato sexual e, mais tarde, divisão do trabalho que se desenvolve por si própria "naturalmente", em virtude de disposições naturais (vigor físico, por exemplo), necessidades, acasos etc.<sup>6</sup> A divisão do trabalho torna-se realmente divisão apenas a partir do momento em que surge uma divisão entre o trabalho material e o espiritual<sup>7</sup>. A partir deste momento, a consciência pode realmente imaginar ser algo diferente da consciência da praxis existente, representar realmente algo sem representar algo real; desde este instante, a consciência está em condições de emancipar-se do mundo e entregar-se à criação da teoria, da teologia, da filosofia, da moral etc, "puras". Mas ainda que esta teoria, esta teologia, esta filosofia e esta moral etc. entrem em contradição com as relações existentes, isso só pode acontecer porque as relações sociais existentes se

---

<sup>6</sup> [Observação marginal de Marx suprimida no manuscrito:] Os homens desenvolvem a consciência no interior do desenvolvimento histórico real.

<sup>7</sup> [Observação marginal de Marx:] A primeira forma dos ideólogos, os sacerdotes, coincide.

## Teoria Sociológica I

encontram em contradição com as forças de produção existentes; o que, além disso, também pode acontecer num determinado círculo nacional de relações, pelo fato de que a contradição se instala não neste âmbito nacional, mas entre esta consciência nacional e a praxis de outras nações<sup>8</sup>, isto é, entre a consciência nacional de uma nação e sua consciência universal [...].

Além disso, é inteiramente indiferente o que a consciência sozinha empreenda; de toda esta porcaria conservamos apenas um resultado, a saber: que esses três momentos — a força de produção, o estado social e a consciência — podem e devem entrar em contradição entre si, porque, com a divisão do trabalho, fica dada a possibilidade, mais ainda., a realidade, de que a atividade espiritual e a material<sup>9</sup> — a fruição e o trabalho, a produção e o consumo — caibam a indivíduos diferentes; e a possibilidade de não entrarem esses elementos em contradição reside unicamente no fato de que a divisão do trabalho seja novamente superada. É evidente por si mesmo que "espectros", "nexos", "ser mais elevado", "conceitos", "escrúpulos"<sup>10</sup> são apenas a expressão espiritual idealista, a representação aparente do indivíduo isolado, a representação de grilhões e limites muito empíricos no interior dos quais se movem o modo de produção da vida e a forma de intercâmbio a ele conectada<sup>11</sup>.

Com a divisão do trabalho, na qual todas estas contradições estão dadas e que repousa, por sua vez, na divisão natural do trabalho na família e na separação da sociedade em diversas famílias opostas umas às outras, dá-se ao mesmo tempo a distribuição, e com efeito a distribuição desigual, tanto quantitativa como qualitativamente, do trabalho e de seus produtos; ou seja, a propriedade, que já tem seu núcleo, sua primeira forma, na família, onde a mulher e os filhos são escravos do marido. A escravidão na família, embora ainda tosca e latente, é a primeira propriedade, que aqui, aliás, já corresponde perfeitamente à definição dos economistas modernos, segundo a qual propriedade é o poder de dispor da força de trabalho de outros. Além disso, divisão do trabalho e propriedade privada são expressões idênticas: a primeira enuncia em relação à atividade, aquilo que se enuncia na segunda em relação ao produto

---

<sup>8</sup> [Observação marginal de Marx:] Religião. Os alemães e a ideologia como tal.

<sup>9</sup> [Suprimido no manuscrito:] a atividade e o pensamento, isto é, atividade sem pensamento e pensamento sem atividade.

<sup>10</sup> Expressões do vocabulário dos jovens hegelianos e, em particular, de Max Stirner.

<sup>11</sup> [Suprimido no manuscrito:] A expressão idealista dos limites econômicos existentes não é apenas puramente teórica, mas existe também na consciência prática, isto é, a consciência que se emancipa e está em contradição com o modo de produção existente não constitui somente religiões e filosofias, mas também Estados.

# Teoria Sociológica I

da atividade.

Além do mais, com a divisão do trabalho é dada ao mesmo tempo a contradição entre o interesse do indivíduo ou da família singulares e o interesse coletivo de todos os indivíduos que se relacionam entre si; e, com efeito, este interesse coletivo não existe apenas na representação, como "interesse geral", mas se apresenta, antes de mais nada, na realidade, como dependência recíproca de indivíduos entre os quais o trabalho está dividido. Finalmente, a divisão do trabalho nos oferece, desde logo, o primeiro exemplo do seguinte fato: desde que os homens se encontram numa sociedade natural e também desde que há cisão entre o interesse particular e o interesse comum, desde que, por conseguinte, a atividade está dividida não voluntariamente, mas de modo natural, a própria ação do homem converte-se num poder estranho e a ele oposto, que o subjuga ao invés de ser por ele dominado. Com efeito, desde o instante em que o trabalho começa a ser distribuído, cada um dispõe de uma esfera de atividade exclusiva e determinada, que lhe é imposta e da qual não pode sair; o homem é caçador, pescador, pastor ou crítico crítico e aí deve permanecer se não quiser perder seus meios de vida — ao passo que na sociedade comunista, onde cada um não tem uma esfera de atividade exclusiva, mas pode aperfeiçoar-se no ramo que lhe apraz, a sociedade regula a produção geral, dando-me assim a possibilidade de hoje fazer tal coisa, amanhã outra, caçar pela manhã, pescar à tarde, criar animais ao anoitecer, criticar após o jantar, segundo meu desejo, sem jamais tornar-me caçador, pescador, pastor ou crítico crítico<sup>12</sup>. Esta fixação da atividade social — esta consolidação de nosso próprio produto num poder objetivo superior a nós, que escapa ao nosso controle, que contraria nossas expectativas e reduz a nada nossos cálculos — é um dos momentos capitais do desenvolvimento histórico que até aqui tivemos<sup>13</sup>. É justamente desta contradição entre o interesse particular e o interesse coletivo que o interesse coletivo toma, na qualidade de Estado, uma forma autónoma, separada dos reais interesses particulares e gerais e, ao mesmo tempo, na qualidade de uma coletividade ilusória, mas sempre sobre a base real dos laços existentes em cada conglomerado familiar e tribal — tais como, laços de sangue, linguagem, divisão do trabalho em maior escala e outros interesses — e sobretudo, como desenvolveremos mais adiante, baseada nas classes, já condicionadas

---

<sup>12</sup> Alusão a Bruno Bauer, que se proclamava adepto de uma escola filosófica "crítica".

<sup>13</sup> [Suprimido no manuscrito:] e na propriedade, que inicialmente é uma instituição instaurada pelos próprios homens, logo dá à sociedade um rumo próprio de forma alguma pretendido por seus autores iniciais, visível a todos aqueles que não estejam enredados definitivamente na "autoconsciência" ou no "Único".

## Teoria Sociológica I

pela divisão do trabalho, que se isolam em cada um destes conglomerados humanos e entre as quais há uma que domina todas as outras. Segue-se que todas as lutas no interior do Estado, a luta entre democracia, aristocracia e monarquia, a luta pelo direito de voto etc, etc, são apenas as formas ilusórias nas quais se desenrolam as lutas reais entre as diferentes classes [...]; segue-se, além disso, que toda classe que aspira à dominação, mesmo que essa dominação, como no caso do proletariado, exija a superação de toda a antiga forma de sociedade e de dominação em geral, deve conquistar primeiro o poder político, para apresentar seu interesse como interesse geral, ao que está obrigada no primeiro momento. Justamente porque os indivíduos procuram apenas seu interesse particular, que para eles não coincide com seu interesse coletivo (o geral é de fato a forma ilusória da coletividade), este interesse comum faz-se valer como um interesse "estranho" aos indivíduos, "independente" deles, como um interesse "geral" especial e peculiar; ou têm necessariamente de enfrentar-se com este conflito, tal como na democracia. Por outro lado, a luta prática destes interesses particulares, que constantemente e de modo real chocam-se com os interesses coletivos e ilusoriamente tidos como coletivos, torna necessário o controle e a intervenção prática através do ilusório interesse "geral" como Estado. O poder social, isto é, a força produtiva multiplicada que nasce da cooperação de vários indivíduos exigida pela divisão do trabalho, aparece a estes indivíduos, porque sua cooperação não é voluntária mas natural, não como seu próprio poder unificado, mas como uma força estranha situada fora deles, cuja origem e cujo destino ignoram, que não podem mais dominar e que, pelo contrário, percorre agora uma série particular de fases e de estágios de desenvolvimento, independente do querer e do agir dos homens e que, na verdade, dirige este querer e agir.

Esta "*alienação*" — para usar um termo compreensível aos filósofos — pode ser superada, naturalmente, apenas sob dois pressupostos práticos. Para que ela se torne um poder "insuportável", isto é, um poder contra o qual se faz uma revolução, é necessário que tenha produzido a massa da humanidade como massa totalmente "destituída de propriedade"; e que se encontre, ao mesmo tempo, em contradição com um mundo de riquezas e de cultura existente de fato — coisas que pressupõem, em ambos os casos, um grande incremento da força produtiva, ou seja, um alto grau de seu desenvolvimento; por outro lado, este desenvolvimento das forças produtivas (que contém simultaneamente uma verdadeira existência humana empírica, dada num plano histórico-mundial e não na vida puramente local dos homens) é um pressuposto prático,

## Teoria Sociológica I

absolutamente necessário, porque, sem ele, apenas generalizar-se-ia a escassez e, portanto, com a carência, recomeçaria novamente a luta pelo necessário e toda a imundície anterior seria restabelecida; além disso, porque apenas com este desenvolvimento universal das forças produtivas dá-se um intercâmbio universal dos homens, em virtude do qual, de um lado, o fenómeno da massa "destituída de propriedade" se produz simultaneamente em todos os povos (concorrência universal), fazendo com que cada um deles dependa das revoluções dos outros; e, finalmente, coloca indivíduos empiricamente universais, histórico-mundiais, no lugar de indivíduos locais. Sem isso, 1.º) o comunismo não poderia existir a não ser como fenómeno local; 2.º) as próprias forças do intercâmbio não teriam podido se desenvolver como forças universais, portanto insuportáveis, e permaneceriam "circunstâncias" domésticas e supersticiosas; e 3.º) toda ampliação do intercâmbio superaria o comunismo local. Empiricamente, o comunismo é apenas possível como ato dos povos dominantes "súbita" e simultaneamente, o que pressupõe o desenvolvimento universal da força produtiva e o intercâmbio mundial conectado com o comunismo<sup>14</sup>. De outro modo, como poderia a propriedade, por exemplo, ter uma história, tomar diferentes figuras, e a propriedade territorial — segundo os diferentes pressupostos dados — passar, na França, do fracionamento à centralização nas mãos de uns poucos e, na Inglaterra, da centralização nas mãos de alguns ao fracionamento, como hoje realmente é o caso? Ou como ocorre que o comércio, que nada mais é do que a troca de produtos de indivíduos e países diferentes, domine o mundo inteiro através da relação entre a oferta e a procura — relação que, segundo um economista inglês, paira sobre a terra como o destino dos antigos, repartindo com mão invisível a felicidade e a desgraça entre os homens, fundando e esmagando impérios, fazendo povos nascerem e desaparecerem — enquanto que com a superação da base, da propriedade privada, com a regulamentação comunista da produção (que determina a destruição da relação alienada entre os homens e os seus próprios produtos), o poder da relação entre a oferta e a procura dissolve-se no nada, os

---

<sup>14</sup> A conclusão de que a revolução proletária só poderia ser alcançada simultaneamente em todos os países capitalistas avançados e de que, portanto, a vitória da revolução num único país era impossível — conclusão que recebeu sua expressão definitiva no ensaio de Engels *Grundsätze des Kommunismus* (Princípios do Comunismo, 1847) — era correta para o período do capitalismo pré-monopolista. Lênin, que tomou como ponto de partida a lei do desenvolvimento económico e político desigual do capitalismo na época do imperialismo, lei por ele elaborada — chegou à conclusão de que, nas novas circunstâncias históricas, a revolução socialista poderia ser vitoriosa primeiro em poucos países (ou até mesmo num só país), e assinalou que a vitória da revolução em todos ou na maior parte dos países simultaneamente era impossível. Esta tese foi exposta pela primeira vez no artigo de Lênin "On the Slogan for a United States of Europe" ("Sobre o lema Estados Unidos da Europa"), 1915.

## Teoria Sociológica I

homens readquirem o poder sobre a troca, a produção e o modo de seu relacionamento mútuo?

O *comunismo* não é para nós um *estado* que deve ser estabelecido, um ideal para o qual a realidade terá que se dirigir. Denominamos comunismo o movimento real que supera o estado de coisas atual. As condições desse movimento<sup>15</sup> resultam de pressupostos atualmente existentes. Além disso, a massa dos simples trabalhadores — força de trabalho excluída em massa do capital ou de qualquer outra satisfação limitada — pressupõe o mercado mundial; e, portanto, pressupõe também a perda, não mais temporária e resultante da concorrência, deste próprio trabalho como uma fonte segura de vida. O proletariado<sup>16</sup> só pode, pois, existir mundial e historicamente, do mesmo modo que o comunismo, sua ação, só pode ter uma existência "histórico-mundial". Existência histórico-mundial de indivíduos, isto é, existência de indivíduos diretamente vinculada à história mundial.

A forma de intercâmbio, condicionada pelas forças de produção existentes em todas as fases históricas anteriores e que, por sua vez, as condiciona, é a sociedade civil; esta última, como se depreende do anteriormente exposto, tem como pressuposto e fundamento a família simples e a família composta, o que se costuma chamar de tribo, cujas determinações finais precisas foram dadas anteriormente. Vê-se, já aqui, que esta sociedade civil é a verdadeira fonte, o verdadeiro cenário de toda a história, e quão absurda é a concepção histórica anterior que, negligenciando as relações reais, limitava-se às ações altissonantes dos príncipes e dos Estados<sup>17</sup>. A sociedade civil abrange todo o intercâmbio material dos indivíduos, no interior de uma fase determinada de desenvolvimento das forças produtivas. Abrange toda a vida comercial e industrial de uma dada fase e, neste sentido, ultrapassa o Estado e a nação, se bem que, por outro lado, deve se fazer valer frente ao exterior como nacionalidade e organizar-se no interior como Estado. A expressão "sociedade civil"<sup>18</sup> aparece no século XVIII, quando as relações de propriedade já se tinham desprendido da comunidade antiga e medieval. A sociedade civil, como tal, desenvolve-se apenas com a burguesia; entretanto, a organização social que se desenvolve imediatamente a partir da produção e do intercâmbio e que forma em

---

<sup>15</sup> [Suprimido no manuscrito:] devem ser julgadas segundo a própria realidade efetiva.

<sup>16</sup> [Suprimido no manuscrito:] pressupõe, portanto, a história universal como existência empírica prática.

<sup>17</sup> [Suprimido no manuscrito:] até aqui consideramos principalmente apenas um aspecto da atividade humana, o trabalho dos homens sobre a natureza. O outro aspecto, o trabalho dos homens sobre os homens...

# Teoria Sociológica I

todas as épocas a base do Estado e do resto da superestrutura idealista, foi sem-designada, invariavelmente, com o mesmo nome.

---

<sup>18</sup> A expressão *bürgerliche Gesellschaft* pode significar tanto “sociedade burguesa” como “sociedade civil”(N. dos T.)